



Encontros de Outono

Museus e Gestão: Novas Pontes para a Sociedade

31 de Outubro, Museu de Portimão

Sinopses e Notas Biográficas



Museus: Criar Novos Sentidos e Novas Ligações com as Comunidades?

Wim De Vos

A imagem estereotipada dos museus data do século XIX quando, no meio da industrialização massiva, as autoridades quiseram oferecer ao público uma pausa para que pudessem reflectir sobre cultura e história. Num momento em que a nossa sociedade global está sujeita a mudanças radicais, com o financiamento público dos museus sob grande pressão, estes estão outra vez mudando e desenvolvendo novos serviços. Os museus estão a criar parcerias procurando oferecer serviços baseados no património e actividades em conjunto com outros intervenientes. Neste renovar de actividades, o foco nas comunidades, inspirado pelo ICOM (www.icom.museum), tem vindo a ser reforçado. Além disso, os museus estão a apontar para o máximo de acessibilidade e integração possível e abordar tópicos que à partida possam parecer mais inconvenientes. As actividades promovidas também devem reflectir a globalização. Finalmente, os museus podem usar as tecnologias mais modernas, mas no sentido de demonstrarem que existe um mundo real para além do virtualmente mostrado. Exemplos destas tendências serão dados, com uma especial atenção a museus premiados nos últimos anos pelo European

Museum Forum (www.europeanmuseumforum.org), pela sua inovação na qualidade pública.

Wim De Vos nasceu em Mechelen (Bélgica) em 1965. Em 1993 doutorou-se em História da Literatura pela Universidade Católica de Lovaina. Especializou-se em semiótica na Universidade Estatal de Bolonha. Teve a seu cargo as actividades de divulgação da Biblioteca Real da Bélgica e foi gestor de comunicação do Museu das Ciências Naturais de Bruxelas. É actualmente “Conselheiro Sénior” de comunicação e museus no Gabinete Federal de Políticas Científicas. É também membro do Conselho Executivo do ICOM e presidente do júri do Prémio Museu Europeu do Ano (EMYA). Em todas as suas actividades procura desenvolver e apoiar formas de reduzir a separação entre o património e o grande público.



Credenciação e Redes de Museus: Paradigmas e Instrumentos de Gestão ao Serviço da Sociedade?

Clara Frayão Camacho

As últimas décadas têm sido palco de iniciativas em prol da melhoria dos sectores museológicos de diversos países, promovidas pelos organismos governamentais, pelas entidades de tutela e pelas organizações profissionais. Neste quadro, a credenciação, os sistemas e as redes de museus sobressaem nas dinâmicas museológicas nacionais desenvolvidas na Europa, de forma sistemática, a partir dos anos 1980 e reforçadas na última década. A comunicação tomará por base um estudo sobre credenciação, sistemas e redes nacionais de museus em nove países europeus, enquadrado no Doutoramento em História, concluído em Julho de 2014 na Universidade de Évora. Serão analisados os conceitos de museu em vigor em diferentes países e os parâmetros decorrentes dos atributos sociais presentes nas várias definições. Serão também comparados os impactos sociais obtidos com a aplicação da credenciação e com a formação de redes de museus em diversos contextos nacionais. Os resultados do

estudo ajudarão a colocar algumas questões e desafios actuais que se colocam a estes sistemas.

Clara Frayão Camacho é doutorada em História pela Universidade de Évora (2014) com a tese: *Credenciação, Sistemas e Redes Nacionais de Museus - Uma Panorâmica Europeia Contemporânea*; Mestre em Museologia e Património pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (2000) com a dissertação: *Renovação Museológica e Gênese dos Museus Municipais da Área Metropolitana de Lisboa (1974-90)*; tem o Curso de pós-graduação em Museologia Social pela Universidade Autónoma de Lisboa (1991) e é licenciada em História pela Faculdade de Letras de Lisboa (1982). Actualmente, é técnica superior do Departamento de Museus, Conservação e Credenciação da Direção-Geral do Património Cultural. Foi subdirectora do Instituto Português de Museus/Instituto dos Museus e da Conservação (2005 a 2009) e coordenadora da Rede Portuguesa de Museus (2000 a 2005 e 2010). Dirigiu o Museu Municipal de Vila Franca de Xira (1985 a 2000). No âmbito da docência universitária: 2002/2011 - Docente da disciplina de Introdução à Museologia do Curso de Pós-Graduação e Mestrado em Museologia da Universidade de Évora; 2006/2007 - Docente da disciplina de Museus e Educação - Conceitos e Tendências Contemporâneas do Curso de Especialização em Museus e Educação da Universidade de Évora; 2001/2002 - Docente do Seminário Introdução à Museologia do Curso de Mestrado em Cultura e Formação Autárquica da Faculdade de Letras de Lisboa em cooperação com o Instituto de Cultura e Ciências Sociais de Cascais; 1992/95 - Docente da disciplina de Museologia do curso de Ciências Sociais/Sociologia, da Universidade Autónoma de Lisboa "Luís de Camões".



Museus e Coleções Científicas em Portugal: o PRISC e a Colaboração à Escala Nacional para Afirmar o Seu Papel como Infraestrutura de Investigação

José Pedro Sousa Dias

No passado mês de Fevereiro, um concurso lançado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) decidiu recomendar a integração de um consórcio de instituições com colecções científicas no Roteiro Nacional de Infraestruturas de Investigação. Foi a primeira vez que os museus, colecções e património científicos foram considerados uma infraestrutura de investigação estratégica de um país, em resultado de um processo aberto, com consulta pública e uma avaliação nacional e internacional, com as componentes científica e de política e desenvolvimento regional. Este consórcio, denominado PRISC - *Portuguese Research Infrastructure of Scientific Collections* - visa tornar estas colecções acessíveis à comunidade, de forma a serem utilizáveis na investigação, no ensino pós-graduado e na difusão da cultura científica, prestando serviços no âmbito da organização, conservação, acessibilidade, exposição, consultadoria e formação em colecções científicas de todas as áreas. O PRISC, que teve origem numa consulta pública que o MUHNAC/Museus da Universidade de Lisboa organizou em Janeiro de 2013, é constituído pelos Museus de História Natural e de Ciência das Universidades de Lisboa, Porto, Coimbra e pelo Instituto de Investigação Científica Tropical. Além destas, conta já com a associação de inúmeras entidades, unidades de investigação, museus e municípios. A presente comunicação visa traçar um panorama geral dos objectivos e funcionamento do PRISC, dando especial ênfase à importância desta colaboração nacional, para o futuro dos museus de ciência e de história natural.

José Pedro Sousa Dias é director dos Museus da Universidade de Lisboa (Museu Nacional de História Natural e da Ciência) desde Fevereiro de 2014 e é professor associado na Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa, onde é responsável pela disciplina de História da Farmácia e da Terapêutica. É licenciado (1981) e doutorado (1991) em Farmácia pela Universidade de Lisboa, centrou o seu percurso como investigador na História das Ciências da Saúde. É membro do Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência (CEHFCi)/Instituto de História Contemporânea (IHC), tendo como atuais interesses de investigação, a história contemporânea das ciências biomédicas em Portugal, os aspectos científicos e sociais da história do medicamento (séculos XVII e XVIII) e a história da medicina e da farmácia na expansão e colonização portuguesa (séculos XVI a XVIII). Foi Pró-reitor da Universidade de Lisboa (05/2006-05/2009 e 09/2010-12/2011); subdirector da Faculdade de Farmácia (11/2009-08/2010). De 2006 a 2011, presidiu à Comissão Executiva das Comemorações do Centenário da Universidade de Lisboa; presidente do Conselho Directivo dos Museus da Universidade de Lisboa (06/2012-02/2014).

San Telmo, um Museu para a Sociedade Basca, um Museu para o Território

Susana Soto e Karmele Barandiaran

O projecto de renovação do museu de San Telmo surge enquadrado numa estratégia de reinvenção e gestão, em relação aos museus do território deixando

de ser um museu centrado sobre si próprio. Assim, San Telmo, o mais antigo museu do País Basco transforma-se, desde 2011, num museu da sociedade. Um espaço privilegiado de difusão para compreender e reflectir sobre a sociedade basca e a sua evolução, desde as suas origens até aos nossos dias, bem como sobre os desafios do seu futuro. O novo San Telmo adquire deste modo um forte protagonismo como centro museológico, promovendo não apenas uma oferta cultural de relevância para o território, mas constituindo-se igualmente como uma ferramenta para o seu desenvolvimento social, turismo e económico. Para esse objectivo trabalha conjuntamente com inúmeras instituições públicas, entidades privadas, associações e directamente com os próprios cidadãos. Todos eles têm em comum a sua vinculação a este novo conceito e aos temas que surgem na exposição permanente. Assim, San Telmo tornou-se numa vitrina da sociedade basca; fornecendo uma visão global que o leva a interagir com outros museus e instituições do património, agentes de turismo, instituições científicas e universitárias, agentes sociais e educativos, organizadores de festivais e eventos culturais, criadores, empresas privadas, com produtores da gastronomia tradicional local, etc. Esta comunicação apresenta as relações desenvolvidas pelo museu com os *stakeholders* e os públicos através dos vários projectos realizados. Pretende-se mostrar de que forma San Telmo pretende ser um museu ao serviço do desenvolvimento da cidadania e da melhoria da qualidade de vida; um agente facilitador do interesse territorial, numa constante adaptação às novas necessidades sociais, culturais e económicas.



Susana Soto es licenciada en Filosofía y Letras, sección de Geografía e Historia de la Universidad de Deusto en 1984. Postgrado en Planificación y Gestión de Bibliotecas de la Universitat Pompeu Fabra en 1998. Inicia su vida profesional en 1986 en la Biblioteca Municipal de Donostia - San Sebastián. A partir de 1992 es nombrada directora y trabaja en la planificación y creación de la Red de Bibliotecas Públicas Municipales. Miembro de la Junta Directiva de la Asociación de Bibliotecarios y Documentalistas de Gipuzkoa entre los años 1987 y 1999, ocupando los cargos de Secretaria, Vicepresidenta y Presidenta. Participa en numerosas Comisiones, Congresos y Encuentros, así como en publicaciones especializadas y revistas especializadas de Biblioteconomía, Documentación y

Museología. Coordinadora de la colección: Catálogos de publicaciones periódicas, editados por la Asociación de Bibliotecarios de Gipuzkoa. Desde el año 2005 es Directora del Museo San Telmo. Ha dirigido el proyecto de renovación del museo y ha tomado parte en el proyecto de ampliación y rehabilitación arquitectónica y museográfica. Desde su reinauguración en 2011, dirige el centro bajo la nueva denominación de “San Telmo, Museo sobre la Sociedad Vasca”.



Karmele Barandiaran es licenciada en Geografía e Historia, especializada en Historia del Arte. Diplomada en Museología. Desde 1989 hasta 2010 fue socia fundadora de una de las primeras empresas de gestión cultural del País Vasco, K6, en la que durante los últimos diez años, dirigió el Área de Gestión de Museos e Innovación. A partir de 2010 se incorpora al proyecto de creación del renovado Museo San Telmo como adjunta a la dirección y en la actualidad es responsable del Área de Desarrollo y Públicos de San Telmo. A lo largo de su trayectoria profesional ha dirigido y gestionado varios museos (pequeño y mediano tamaño), públicos y privados. Ha tomado parte en equipos pluridisciplinarios de proyectos y planes estratégicos relacionados con museos y con la puesta en valor y sensibilización del patrimonio cultural. Ha dirigido numerosas exposiciones temporales y proyectos relacionados con tecnologías aplicadas al patrimonio cultural así como plataformas digitales. En los últimos años, participa en proyectos que buscan nuevos modelos de gestión en red y la gestión orientada a públicos, con objeto de promover la mejora en la calidad de vida de las comunidades locales y del territorio.



Partilhar a Identidade – Princípios e Práticas no Território da NUT III Ave

Paulo Costa Pinto

O turismo de massas, como só acontece a partir do último quartel do século XX, é um dos mais notáveis fenómenos culturais da história da humanidade. É a primeira vez que milhões de pessoas (este século já ultrapassou o milhar de milhões) se deslocam a outras pátrias sem fins hostis. O fenómeno agigantou-se, complexificou-se, ultrapassou em pouquíssimo tempo a figura da “indústria do turismo”, passou a “sector económico” e mesmo esta designação deixou quase imediatamente de fazer sentido, por ser redutora. Na verdade estamos perante uma nova matriz de interacção cultural, com paralelo talvez apenas na invenção da escrita. Falar hoje do turismo como uma indústria é equivalente a dizer que a escrita e a literatura se reduzem à indústria tipográfica. As consequências desta interacção directa são muitíssimo complexas, e o modo como nos relacionamos com ela tem consequências indeléveis. Ninguém fica indiferente depois de “integrar” um circuito turístico e realidades tão dinâmicas como a identidade, a construção da memória colectiva, o *modus vivendi* das comunidades visitadas e visitantes são profundamente afectadas pelo processo de partilha, quase como se de uma invasão se tratasse, com os sentimentos de devassa e de xenofobia a aflorar em todas as classes socioculturais, a par de um exacerbar dos sentimentos de xenofilia e de hospitalidade, estendidos a níveis antes impensáveis e duvidosamente sustentáveis. É tendo em conta estas realidades que na sub-região da NUT III Ave se preparam projectos-piloto que permitam perceber quais as cargas sustentáveis de visitantes que garantam que a partilha que não corresponde a devassa e que evitem a criação de dinâmicas de desagregação da atratividade ao mesmo tempo que procuram otimizar a partilha que o turismo implica, quer do ponto de vista da experiência humana e cultural, quer do ponto de vista da sustentabilidade funcional das estruturas de acolhimento.

Paulo Costa Pinto nasceu no Porto em 13 de Junho de 1965. Licenciado em História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1991). Graduado em

Conservação e Restauro de Materiais Arqueológicos num curso organizado pela AURN – Associação de Universidades da Região Norte (1991); pós-graduado com a parte curricular do Mestrado em Arqueologia da Universidade do Porto; pós-graduado em Turismo pela Universidade do Minho; pós-graduado em Gestão Cultural pela Escola de Gestão da Universidade do Porto. Frequentou com aproveitamento a parte curricular do 3.º Ciclo em Museologia na Universidade do Porto. Desenvolve neste momento a sua dissertação de doutoramento subordinada ao tema “Gestão Cultural em Rede – a Rede de Castros do Noroeste Peninsular”. Profissionalmente, foi arqueólogo da Câmara Municipal de Vila do Conde de 1992 a 1998, coordenador do Gabinete de Arqueologia Municipal de Vila do Conde, de 1998 a 2009, director do Museu de Vila do Conde de 2009 a 2012 e coordenador da Divisão de Museus e Arqueologia, entre 2010 e 2012. Em 2012 transferiu-se para a Comunidade Intermunicipal do Ave, onde é gestor de projectos de cultura e turismo, tendo neste âmbito desenvolvido a Carta de Alojamento do Ave, o projecto Caminhos de Peregrinação do Ave, tendo ainda estado na origem do primeiro e do segundo cursos de Mediadores de Turismo e do projecto “A paisagem dos Castros do Vale do Ave” (desenvolvido com a Faculdade de Ciências da Universidade do Porto). Ainda neste âmbito apoiou a implementação da Rede de Museus e Monumentos do Ave.



Caixa de Primeiros Socorros para os Museus em Tempo de Crise

José Gameiro

Quando subitamente nos vemos mergulhados numa situação económica e financeira difícil, onde a cultura e os museus são alvos frágeis, cercados pela palavra crise, somos forçados a agir de uma forma muito mais intensa, na busca permanente de respostas para perguntas que nunca imaginávamos fazer. A partir da nossa experiência no Museu de Portimão, apresentamos uma reflexão prática em construção e uma simbólica “caixa de primeiros socorros” para situações de “crise e emergência museológica” tendo por base três princípios activos: partilhar, servir e procurar: 1) Partilhar: os museus sempre tentaram articular e colaborar nas suas diversas áreas de trabalho, actividades e objectivos. Mas manter uma rede de proximidade mais sólida e permanente, de partilha de

recursos técnicos, materiais, humanos e de conhecimento entre os museus, requer um compromisso profissional que, a tipologia orgânica e modo operacional da Rede de Museus do Algarve (RMA), pode constituir um exemplo interessante e contributo prático para esse objectivo; 2) Servir: a qualidade do serviço público de um museu constituiu uma linha vermelha que, a ser ultrapassada, põe em risco a sua principal missão: servir a comunidade e os seus visitantes e onde a capacidade da resposta dos seus recursos humanos, enquanto equipa multidisciplinar é determinante. A oferta criativa de actividades, novos serviços e dinâmicas no uso sociocultural do museu devem surgir, procurando transformar os seus públicos e a sua comunidade, em participantes activos e não apenas como meros visitantes; 3) Procurar: a capacidade de uma visão global da envolvente territorial e humana do museu e uma apurada percepção dos principais agentes do desenvolvimento da região, são um importante ponto de partida para procurar activamente, acções de complementaridade, audiências comuns, sistemas de apoio e interacção entre o museu, o turismo, as estruturas educativas, empresas, entidades e os sectores sociais e culturais mais dinâmicos e emergentes, para a construção de novas pontes dessas diferentes e difíceis margens das parcerias.

José Gameiro é director científico do Museu de Portimão (vencedor do Prémio Museu Conselho da Europa 2010 e Prémio DASA – Mundo do Trabalho /Dortmund 2011). Mestre em Gestão e Administração do Património Cultural pela Universidade do Algarve; licenciado em Artes-Plásticas pela Faculdade de Belas-Artes, da Universidade de Lisboa. É membro da direcção da Comissão Portuguesa do Conselho Internacional dos Museus (ICOM Portugal), para o triénio 2014-2017. Integra desde 2011 o júri do European Museum Forum (EMF), entidade responsável pela selecção anual dos museus europeus candidatos à atribuição dos prémios: Museu Europeu do Ano e Museu Conselho da Europa. É, desde 2010, membro da Secção dos Museus, da Conservação e Restauro e do Património Imaterial do Conselho Nacional de Cultura, para o qual foi nomeado na qualidade de “personalidade de reconhecido mérito”. Membro fundador da Rede Portuguesa de Museus (2000) e da Rede de Museus do Algarve (2007); Tem exercido as funções de museólogo, formador e professor nas áreas da museologia e do património industrial, sendo responsável pela coordenação e programação das exposições, projectos e actividades parcerias nacionais e europeias do Museu de Portimão.